



Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

O REGENTE

(Final do 2.º ato da peça de Marcelino Mesquita).



— Por onde é o caminho?
— Por ali!



PALESTRA AMENA

O batalhão academico

Vi-o partir para o norte, n'um entusiasmo doido, dando vivas á Patria e á Republica, impaciente, alegre como quem vae para uma festa, comunicando aos que lhe estavam proximos a sua fé e o seu ardor. Vi partir os rapazes e percebi que n'aquelle entusiasmo não havia o desprendimento impensado, proprio da adolescencia: sentia-se que mediam responsabilidades, que muito perfeitamente conheciam a causa que iam defender, que era bem do coração que saudavam a Patria e a Republica.

Não tiveram a longa experiencia, que levou os velhos a perder a confiança nos sistemas governativos baseados em predomínios de castas; não estiveram em contacto com a podridão da mentira acomodada ás conveniencias individuais; não viram desfazer-se as melhores intenções, arrastadas numa torrente de lama que tudo subvertia. Foi em plena revolução que as almas d'esses rapazes desabrocharam, avidas de esperanza, ainda tão ricas de viço que o desanimo as não contaminou, e é em plena revolução que se estão desenvolvendo, criando força, temperando-se poderosamente para os futuros embates da vida.

E invejei os rapazes. Os homens do meu tempo formaram-se n'uma paz ficticia, estagnada, morbida, que só criou desalentos nos de boa fé; em roda, o mundo caminhava á pressa, em conquista de novos ideaes, e aqui digeriria-se de papo para o ar, de olhos fechados, como bonzos inuteis e organismos passivos, sem uma vibração de nervos — cadaveres, afinal, que mais dia menos dia tinham de ser sepultados para não empestarem o ar. Hoje, não: eu te saúdo, mocidade que vae lutar, que vae viver, que vae preparar-te para cometimentos gloriosos, e que voltarás mais experimentada pelo sacrificio do que a velhice, revigorada como elemento social, a cimentar uma sociedade digna do tempo de hoje e do mundo novo que se está organisando sobre as ruínas das autocracias.

Vi partir os rapazes e vi na estação os paes a dar-lhes o abraço da despedida, sem que uma lagrima corresse, uma sombra de tristeza se lhes lesse no rosto — e havia-os professando diversos credos politicos. Nesse momento era geral a concordancia, perante o formoso espectáculo os velhos calaram as suas opiniões e irmanaram-se n'um sentimento unico, que foi o santo orgulho de se mirarem nos olhos limpidos dos combatentes, e se, perdido de vista o comboio algum outro os tomou, esse foi o não terem sabido preparar para os filhos uma Patria grande, digna dos pequenos herois que a vão engrandecer.

J. Neutral.

Noticiam do estrangeiro que o nosso particular amigo ex-kaiser é sempre acompanhado, nos seus passeios, por um policia encarregado de o não deixar fugir, o qual, logo que lhe parece que o passeio se estende além de limites rasoaveis, o avisa com todo o respeito:

— Vossa magestade está fatigado.
E' claro que a dita ex-magestade se dá por compreendida e volta atraz.



Louvaveis são estes eufemismos, que dispensam brutalidades e fazem o efeito desejado.

Lembra-nos, a proposito, um sistema seguido na Escola Medica de Lisboa por certo lente já falecido, distinctissimo, por sinal, e que não sabemos se ainda hoje é adotado. Se não é, devia sê-lo.

Consistia o sistema em avisar o examinando, durante o ato em que estava respondendo, de que seria reprovado se não se retirasse a tempo. O referido professor dizia ao rapaz, com toda a delicadeza:

— O senhor está incomodado de saude.

O examinando percebia, saia e... não ficava reprovado.

...E assim vai o nosso Guilherme tomando conhecimento pratico com as subtilidades da civilisação.

De Bocage

A José Barreto Gomes.

*Embora tórpes gralhas esvoacem.
Em torno á gloria minha em bando impuro,*

*De eterna sombra e tacito futuro
Meu nome, os versos meus embora ameacem;*

*Contra os anos, que morrem, que renascem,
Deu-me Febo em seu dom penhor seguro,
Com que do esquecimento o pégo escuro
Meus versos e meu nome afoitos passem.*

*Pleno tesoiro de moral riqueza,
Barreto bemseltoir, Barreto amigo,
Não tenas ser do nada infausta presa.*

*Além dos tempos viverás comigo:
Sou vate e sobranceiro á natureza
Nos arcanos do ceu lelo o que digo.*

Aviso

Livros, Livrinhos e Livrecos

Vida vitoriosa, de João de Barros — E' uma coleção de poesias escolhidas, que o illustre poeta escreveu de 1904 a 1907 e que os editores publicam porque os autor não permite segundas edições de livros seus esgotados. N'ela se encontra o que João de Barros prefere e que constitue, na verdade, leitura deliciossissima. No entanto, nós preferiríamos das suas obras... tudo, porque não tem composição que denote a minima fraqueza; o simpatico literato faz sempre arte — e da melhor.

Mais boatos

A acrescentar aos que revelámos no ultimo numero do *Seculo Cómico*:

— Então o calçado no Porto está baratissimo, hein?

— Serio, Antoninho?

— Serio.

— E a que atribues a barateza?

— A' monarchia, é claro: os coiros, que estavam arrecadados, apareceram imediatamente no mercado.

— Então o bacalhau no Porto está a pataco, hein?

— Qual a pataco! está mas é de graça!



Terceiro cavalheiro, intrometendo-se na conversa:

— De graça?! upa! upa! disseram-me hoje que o Paiva Couceiro o distribue a quem o quer e ainda por cima dá oito tostões!

— Sabe, D. Filomena? O pão no Porto está a vintem!

— Do branco?

— Azul e branco, D. Filomena! azul e branco!

— Já viste as novas estampilhas da monarchia portuense, Chiquinho?

— Ainda não, Lulu.

— Já eu vi. São lindas. Tem a effigie de D. Manoel.

— A da Republica é feiissima.

— Repugnante. E tanto que quando eu punha nas cartas a estampilha da Republica, molhava-a sempre com uma esponja.

— Tambem eu.

— Agora, ao sr. D. Manuel, não me importa lambe-lo!

— Antes pelo contrario!



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Amétade d'um ango.

Lanso mão da penna pra te dezer in prumeiro lugar que istou vivo grassas a Deus i ós pois pra çaber ce in Peras Ruivas istá a munarquia ó a Repuvlica porque como u çô prior é talaça i mail as oitras ótoridades é poçivle que lá isteija a munarquia i intão mete nu bau aquella bandera que cumprei cuando foi du 5 de oitubro i pranta á jinela a azul i branca ca jente tinha iscondida nu palheiro. Mas ce continua ai a Repuvlica já ce çabe: faz u cuntrario.

I agora voute fallar numa pessa xamada a idade de amar arreprezintada nu Avenida cuja esta cunsiste em a sr.ª D. Palmira que touda a jente xama bastos mas que é cruz, á facia du registro cevil, apezar dus ceus 40 anos andar doida pello Calros Santos que tanvem nan tem menos mas que finge que é nouvo in folha; i en o sr. Berazão, cus ceus 68 anos istar de toudo pur uma caxopinha touda un-



sa, da donde ce prova cu tê Jerolmo aindas istá capaz de tamar por muntos anos i bons.

Vai ós pois u ca dita Idade d'amar teve mais ingrassado na prumera nou-te foi a menina Calrota Sande aparcer cun a çaiá desabutuada atraz que fez um cusesto i fez ficar u Rafael Marques munto danado porque as gragalhadas dus ispetadores nam dexaram oivir umas pocas de piadas in que ele fazia munto filé. I da Idade de amar nada mais tanho a dizer cenão cu Berazão istará infetivelmente in idade de amar mas u que nan istá é cun idade de decurar papeis i cu Calros Santos nam teve rezão ninhuma de ateraiso i a dita D. Palmira porque valle mais cus ceus 40 anos que toudas as oitras com 15. Cá d' mim digote que inté a turcava pur ti ce ela quixesse.

Adiante. Canto a oitra pessa que tavem oivi, xamada Relojo du cradial é uma ca polissa in tempo purviu nu Paulitama porque intão se xamava Satiro, u que era munto imural. I nada mais de istordinario tanho a dezer-te nesta pessa cenão ca noça praticipação na guerra turnou Portugal tão cunhecido que inté já em França ce

EM FOCO

O cenografo Eduardo Reis, pae



Apezar do bigode em meia tinta
Tem fresca e muito fresca a mioleira
E na pintura vejo-o de maneira
Que parece um rapaz, por bem que pinta.

Ha pouco n'uma peça (a mais distinta
Que, em minha opinião, tem vindo á feira)
Teve uma apoteose verdadeira,
Chamadas, com certeza, mais de trinta.

E' careca, bem sei, mas quanto apreço
Não merece uma calva aureolada
Por um talento á presunção avesso!

E' um defeito que não vale nada...
Tomara muita dama que eu conheço
Fazer-lhe uma festinha na pelada!

BELMIRO.

diz que «cae o Carmo i a Trinda-de», «p a pa Santa justa», etc.

Já agora tanvem te dizerei cu ótor do Relojo do cradial tem uma arim-tega munto original: pra ele 23 i mais 1 é um quarteirão!

Pur oje nada mais te dizerei; in-viute bejos apretados i á bensão ós peti-zes, açim como uma quarta de açucre ca panhei pur dois mel reis grassas ás purvidencias du refrido jenero já se vender livermente.

Teu inté ó dia de juizo, internamen-te.

Jerolmo.

Emprezario do Pauliteama de Peras Ruivas.

E cuidou, com mão de amigo,
Em manter-lhe o papo cheio.

Para tirar-lhe os defeitos,
Muda-lo em pomba sem fel
Até lhe dava confeitos
E a beber agua de mel!

O corvo estava por tudo,
Mostrando-se obediente:
Era um corvo de vsludo,
Que assombrava todá a gente.

Vinha sempre á voz do dono,
Comia na sua mão,
Velava-lhe, atento, o sono...
Era todo gratidão!

Ora um dia aconteceu
O que em todos é faatal:
O nosso homem morreu
De doença natural.

Logo o corvo, ao reparar
Que o dono se não movia,
Saltou-lhe em cima, ia cevar
O que o instinto pedlia.

Nas carnes inanimadas
Do seu pobre bemeitior
Pagou em longas bicçadas
O que devia em amor.

Com um conceito profundo
Remataremos a nota:
Endireitar este mundo
E' pretenção de idiotta.

Maria Cachucha.

DE FÓRA

O CORVO

Um homem, ha muitos anos,
Teve uma idéa de arromba:
Tranformar (cogos enganoso!)
Certo corvo em mansa pomba.



Fez-lhe festas, deu-lhe abriço,
Aqueceu-o ao proprio seiço

A burocracia acomodaticia



JORGE
BARBAS

O AMANUENSE:

—Que hei-de escrever no fecho dos dois officos que v. ex.^a mandou fazer?

O CHEFE:

—No que vae para Lisboa escreva «Saude e fraternidade»; no que vae para o Porto escreva «Deus guarde a vossa excelencia».